

Impactos socioculturais provocados pela epidemia HIV/AIDS e a pandemia do Corona Vírus/COVID em homens gays idosos.

Elberth de Oliveira Bertoli

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Este trabalho, a partir de um estudo etnográfico e entrevistas semi-estruturadas, visa entender como os eventos da epidemia HIV/AIDS e a pandemia do Corona Vírus/COVID afetaram socioculturalmente os homens *gays* que viveram estes dois acontecimentos relacionados à saúde humana. Estes indivíduos, atualmente, são parte de uma população com mais de 60 anos de idade e encontram-se dentro de outros espectros relacionados ao envelhecimento. Esta temática é oportuna, pois com a pandemia que assombrou o mundo nestes últimos anos, uma realidade de preconceito em relação às pessoas idosas, gerou prejuízos sociais, emocionais e modificou a maneira como estas pessoas socializam em ambientes públicos e privados. O preconceito relacionado à idade vivido pelos homens *gays* por conta da pandemia do Corona Vírus, pode ser uma lembrança da mesma discriminação quando relacionada à epidemia HIV/AIDS, onde se estabeleceu de maneira violenta e, hoje, criminoso, a equiparação entre a orientação sexual do indivíduo *gay* com a doença AIDS. **Palavras-chave:** Idosos; Homossexuais; Pandemias.

Abstract: This paper, from an ethnographic study and semi-structured interviews, aims to understand how the events of the HIV/AIDS epidemic and the Corona Virus/COVID pandemic have socioculturally affected gay men who have experienced these two human health related events. These individuals, currently, are part of a population over the age of 60 and find themselves within other spectrums related to aging. This theme is timely, because with the pandemic that has haunted the world in recent years, a reality of prejudice towards the elderly has generated social and emotional damage and has changed the way these people socialize in public and private environments. Ethicism can be perceived not only in the condition of preventing these people from coming and going, but also in the digital social networks, through several memes illustrating the social imaginary of what would be the behavior of an elderly person. The age-related prejudice experienced by gay men because of the Corona Virus pandemic may be a reminder of the same discrimination when related to the HIV/AIDS epidemic, where the equation between the sexual orientation of the gay individual with the AIDS disease was established in a violent and, today, criminal way. Thus, the article will help in the fight against etharism and in the propagation of representation of old people within the gay community, where physical youth is praised and many cannot accept the aging process.

Keywords: Elderly; Homosexuals; Pandemics.

INTRODUÇÃO

Diante do maior desafio sanitário mundial do século XXI até o momento (BRITO *et al.*, 2020, p. 55), alguns indivíduos foram apontados por veículos de comunicação, ao longo dos anos de 2020 e 2021, como aqueles que vivenciaram duas pandemias: a da gripe espanhola e a do novo coronavírus (FERREIRA, 2021). As reportagens não contabilizaram a pandemia do HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), deixando de fora esse evento que trouxe fortes impactos sociais, emocionais e culturais para toda humanidade, além de alguns grupos específicos, que foram os que mais saíram impactados: os homens gays, os bissexuais e as travestis. Tão forte foi o efeito desse vírus na comunidade LGBTQIA+ nos primeiros anos da década de 1980, que houve imediatamente uma associação entre a doença provocada pelo vírus e os grupos descritos anteriormente (PINTO, *et al.*, 2007, p. 47).

Então, para tentar compreender as implicações que essas duas realidades sanitárias tiveram na vida dessas pessoas, mais especificamente entre os homens gays idosos, busquei por meio de entrevista semiestruturada, conhecer o antes, o durante e o depois do evento pandêmico do HIV, a partir da visão dos que experienciaram os anos iniciais do evento (MANZINI, 2004, n.p). E, em se tratando da pandemia atual, da doença COVID-19, apenas o antes e o durante foram perguntados, uma vez que o mundo ainda se encontra em ameaça, tendo que realizar constante controle para evitar uma nova disseminação do vírus, além da geração de novas cepas (LANA *et al.*, 2020, n.p).

O professor de Psicologia da Universidade de São Paulo, Christian Dunker, durante o programa “Café Filosófico”, transmitido pela TV Cultura (2014), disse a seguinte frase: “A cada época o seu sofrer”. Tal afirmação busca estabelecer que as narrativas sobre o sofrimento dependem de diversos fatores para que se obtenha uma validade enquanto processo psíquico doloroso. Neste aspecto, a temporalidade e a espacialidade, envoltas pela cultura, são duas condições, segundo o professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), fundamentais para qualificação da dor psíquica.

A afirmação de Christian Dunker (2014) se torna um caminho condutor para pensar os homens gays idosos vivos em nossa sociedade, pois eles foram os jovens da década de 1970 e 1980 que vivenciaram a pandemia do HIV. Atualmente, são pessoas que estão dentro de um grupo etário a partir dos 60 anos de idade, sendo possível que eles possuam outras perspectivas da vida,

outras condições biológicas e, quiçá, outras maneiras de experimentar a própria sexualidade. Contudo, até o presente momento, não foi encontrada nenhuma tentativa científica de relacionar o modo como esses indivíduos vivenciaram a pandemia conhecida nos anos de 1990 com o título de “câncer gay” (BRITO; ROSA, 2018, p. 751) e o fenômeno pandêmico atual.

Esta pesquisa teve o intuito de abrir um pequeno e humilde trajeto para análise desse fenômeno junto aos que dele participaram de modo tão particular. Os sofrimentos e as esperanças vividas num período tão intenso do passado de cada um deles, talvez venha a ter outro significado, outro sentimento. E as demandas exigidas pela idade e pela sociedade a pessoas gays idosas, no século XXI, por meio da pandemia do novo coronavírus, tenham um certo peso a ser experimentado mais uma vez, na condição de homossexual e, agora, soma-se a uma pessoa na velhice.

A SUBJETIVIDADE E AS PANDEMIAS

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), por meio de seu diretor Geral Tedros Adhanom, decretou a existência da pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2). O motivo para esta tomada de decisão não foi a letalidade da doença, mas o grau de dispersão do vírus pelo mundo (UNA-SUS, 2020). Um outro evento pandêmico ocorreu há exatos 40 anos, onde o mundo, no ano de 1981, passou a designar com a nomenclatura AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), a doença provocada pela infecção do vírus HIV ou Vírus da Imunodeficiência Humana (FERRAZ, 2020, p. 14). Além de serem dois acontecimentos relacionados à saúde mundial, eles afetaram de maneira singular um grupo de indivíduos que estão inseridos em uma particular sexualidade e em uma coorte etária específica.

É importante e necessário trazer um esclarecimento acerca dos termos Epidemia e Pandemia, pois o HIV transita nessas duas possibilidades, diferenciando-se na proporção dos eventos. Rezende (1998, p. 153), caracteriza a Epidemia “pela incidência, em curto período de tempo, de grande número de casos de uma doença”, além de “sua rápida difusão”. O surgimento do grande número de infectados pelo HIV, no Brasil, ocorreu de maneira rápida e sua transmissão, que inicialmente se deu nas metrópoles (Rio de Janeiro e São Paulo), acabou sendo disseminada para outras capitais e interior do Brasil em pouco tempo (BRITO *et al.*, 2000, p. 208).

Não obstante, algumas características dos caminhos percorridos pelo vírus do HIV permitem que o termo Pandemia também seja aplicado a ele. Rezende (1998, p. 154) define a Pandemia da seguinte forma: “é uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente”. Portanto, a forma como se deu a transmissão do HIV para todo o mundo, em curto espaço de tempo, permite que este fenômeno possa ser, também, determinado como pandêmico. Aproximadamente, em cinco anos, após os primeiros surtos epidêmicos, o HIV já estava presente na Europa, nas Américas, na África e na Austrália (FERRAZ, 2020, p. 14). Sendo assim, tratarei a transmissão do Sars-Cov-2 e do HIV sendo, ambos, Pandemia.

Segundo Ferraz (2020, p. 14), em toda a história da humanidade, momentos de crise sanitária mundial acabaram gerando grandes impactos de ordem biológica, social, econômica, cultural e, também, geopolítica. Observando os acontecimentos presentes, Ribeiro *et al.* (2020, p. 395), no artigo intitulado “Os impactos da pandemia do COVID-19 no lazer de adultos e idosos”, entende que um grupo de pessoas foram afetados de maneira muito mais intensa devido ao isolamento exigido durante a pandemia. Uma das coortes pertencentes a esse grupo acompanhado por Ribeiro *et al.* são os idosos (RIBEIRO *et al.*, 417).

Definir o conceito de pessoa velha é complexo, pois não possui qualidade objetiva. Segundo a antropóloga Guita Debert (1998, p. 8), “a velhice não é uma categoria natural”, mas uma construção sociocultural que sofre modificações ao longo da história, “dentro de realidades sociais específicas”, permitindo “a imposição de uma visão de mundo social” que “contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos” (DEBERT, 1998, p. 11-12).

Simone de Beauvoir (2018, n.p), em seu livro “A velhice”, compreende que seja um fenômeno que, ao longo da história, foi pensado a partir do âmbito biológico. Contudo, essa biologia na qual foi imersa a questão etária, é dependente do “contexto social”, dando à velhice o sentido desejado pela sociedade em que ela surge. Sendo assim, categorizar a velhice, segundo a autora, é criar valores, precisando ser compreendida em sua totalidade, por intermédio dos fatores culturais envolvidos em uma determinada sociedade (BEAUVOIR, 2018, n.p).

Dois indivíduos que se encontram na coorte da velhice fizeram parte desta pesquisa. Os nomes verdadeiros dos indivíduos serão suprimidos, tendo em vista a proteção dos mesmos, em relação às informações de extrema particularidade que forneceram. Com isso, prevalece o cuidado com a intimidade e subjetividade desses sujeitos. Porém, serão denominados de *participante 1* (P1) e *participante 2* (P2), para que o leitor tenha compreensão da pertença das falas contidas nesse artigo.

O participante 1 e o participante 2 são pessoas que residem no estado de São Paulo, ambos se encontram na velhice, pois estão na faixa etária a partir dos 60 anos. Essa condição de idade para classificação de uma pessoa velha foi prescrita pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pautando não apenas os aspectos biológicos e psicológicos, mas abarcou questões socioeconômicas, podendo algumas nações terem esse marco elevado para 65 anos de idade. No Brasil, o Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2004, estabeleceu 60 anos de idade para compreensão do que seria uma pessoa velha, dotada de direitos e cuidados específicos.

O P1 é aposentado, enquanto o P2 trabalha na área cultural, além de ser ativista do movimento LGBTQIA+, no seguimento de amparo aos idosos deste grupo. Ambos vivem com HIV desde os anos de 1990, com datas anteriores à existência dos antirretrovirais (ARVs), medicamentos utilizados na contenção do avanço do vírus no organismo humano (NUNES; CIOSAK, 2018, p. 1105). Eles aceitaram responder as perguntas propostas para esta pesquisa e, a partir delas, foram delineando outros aspectos das pandemias que achassem pertinente de serem abordados. As conversas foram feitas através de aplicativos de comunicação por meio de áudio e vídeo chamadas.

Para P1 e P2, as experiências vividas por eles em ambas pandemias – do Sars-Cov-2 e do HIV – não tem nenhum tipo de ligação ou associação. Eles consideram que elas são eventos distintos, não somente temporal, mas em relação a própria forma com que as instituições de saúde lidaram. O participante 1 observou a diferença na velocidade do avanço das informações referentes a cada episódio sanitário. Ele considera que no período do HIV/AIDS, elas foram muito mais lentas que no de Sars-Cov-2. Assim disse ele: “foi numa velocidade muito rápida (informação sobre o novo coronavírus). A AIDS por sua vez foi muito lenta, é o contrário. Entendeu?”.

Outra relação que ele fez sobre os dois acontecimentos pandêmicos, foi referente a produção dos imunizantes: “na questão do desenvolvimento das vacinas do Coronavírus foi rapidíssimo. Já na AIDS [...] nada de vacina até hoje”. Ao final dessa afirmação ele encerra com a seguinte observação sobre a própria experiência e a coletiva, do que era estar com o diagnóstico de alguém vivendo com o vírus da AIDS: “No começo era aquela espada de morte na cabeça das pessoas, de morte mesmo”.

Essa percepção do avanço da ciência e a forma como as informações foram importantes para um primeiro combate da epidemia de Sars-Cov-2, aparentemente, permitiu que ele atravessasse essa nova pandemia de maneira mais confiante na medicina. Um tempo depois, relatando acerca das medicações que foram surgindo para o combate ao HIV e a maneira como ele reagia diante dele, novamente, P1 faz uma outra comparação: “tem que pensar que era a técnica da época. Hoje em dia, a medicina mudou tanto, não compara a medicina dos anos 80 com a medicina de 2020, cara. São 60 anos¹ corridos, a coisa era muito primitiva”.

No caso do P2, os relatos apontados por ele estabeleceram a compreensão do quanto a falta de informação demorou para chegar até às populações, operando uma drástica alteração de comportamento, além de corroborar a demonstração do pânico relatado por P1, ao trazer a metáfora da “espada de morte na cabeça”. Assim disse:

Primeira mudança social que eu percebi com a entrada do HIV/AIDS foi nos Estados Unidos. Não tinha mais copo de vidro nos lugares. O copo sempre foi uma referência. Engraçado, né? Porque passaram a ter copo de plástico, descartável. Ninguém usava o copo um do outro, porque não havia conhecimento sobre a AIDS.

Para P2, as informações sobre o HIV ou a forma violenta de ataque ao organismo humano demorou ainda alguns anos até chegar ao Brasil. Grangeiro *et al.* (2009, p. 88), diz que, as primeiras ações de combate ao HIV, no Brasil, mais precisamente na cidade de São Paulo, ocorreram por conta do primeiro caso detectado no país, em junho de 1983. Além disso, observou-se que o impacto das infecções nos Estados Unidos permitiu antever o grande alastre da doença em território nacional, emitindo um sinal de alerta às autoridades da época.

¹ O informante se equivocou no cálculo temporal, que é 40 anos.

Nas falas referentes às mudanças ocorridas em seus cotidianos, ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus, ambos relataram ao fato de terem que ficar em isolamento, impedindo ter o trânsito livre pela cidade e, também, os encontros sexuais que não puderam ser realizados naquele momento de pandemia. Essa impossibilidade foi retratada em mais um eufemismo trazido por P1, ao discorrer sobre o calendário de vacinação de sua cidade, que não tinha muitas informações à época: “eu não sei, exatamente, que dia eu irei ter minha carta de alforria dessa cadeia que é o isolamento social da Covid”.

Por diversas vezes, os futuros encontros sexuais foram temas trazido por eles, a fim de dar o tom do impacto que a pandemia do Sars-Cov-2 abateu sobre esses sujeitos. O fato de não poderem ter encontros amorosos, ao menos até a segunda dose da vacina ser recebida, geraram frases por parte de P1 e P2, como: “nesta pandemia, eu estou subindo pelas paredes” ou “já tenho um contato com um garoto de programa para quando acabar a pandemia”.

Segundo Tafuri *et al.* (2021, p. 96), a vida sexual dos que vivenciaram a pandemia do novo coronavírus foi afetada devido às regras de isolamento e distanciamento social exigidos pelo momento. Medidas preventivas e comportamentais que tenham a finalidade de impedir que os indivíduos tenham exposição ao vírus por meio de encontros sexuais, acabam não observando outros fatores que possam levar os sujeitos à quebrarem o isolamento. Duplamente isso ocorre, pois além de não terem sua vida sexual em prática, P1 e P2 estavam num grupo vulnerável da pandemia, os idosos.

Nos anos de 1980 e 1990, no auge da juventude que possuíam, ambos viveram suas aventuras sexuais de acordo com as possibilidades que eram permitidas dentro de suas histórias particulares. O medo que transitava entre eles e os seus pares aumentava na medida em que o vírus da AIDS fazia vítimas próximas, nos círculos de amizades e de relacionamentos amorosos. Aqueles homossexuais que perderam pessoas para o HIV, perdem juntamente a identidade. Esclarecendo melhor esse contexto, P2 diz a seguinte afirmação:

O grande paralelo da epidemia do COVID com o do HIV/AIDS é [...] como sobreviver a uma questão que me abate, mas que abate aos meus, que leva os meus embora. Como ser um filho sobrevivente à COVID que perdeu o pai, ou a mãe [...]. Isso é uma tangência. Mas, na questão do HIV isso ía para outro caminho. Como eu vou sobreviver se eu perco meu grupo social,

aquelas pessoas com as quais eu me identifico. Que é uma família, né? Família de *gay* é *gay*. Eu tenho uma família ótima, mas meus amigos são minha família também. Para maioria de nós, são aquelas pessoas com quem você é livre, você conversa... que você é o que você é.

Para Souza (2008, p. 30) *apud* Nord (2007), a perda para um homem *gay*, ocasionada pela AIDS, não se dá apenas com a morte de uma pessoa, ela pode ser no âmbito psíquico, familiar, social, cultural, existencial e outros. Além dessas dimensões, a perda da identidade é notada quando os sujeitos, diante da morte de amigos e da própria vivência com o vírus, precisam repensar a própria vida e dar novo sentido a existência (SOUZA, 2008, p. 45).

Na nova desordem, desta vez causada pela pandemia do Sars-Cov-2, também a sensação de morte se aproxima, contudo, ela não é algo estigmatizado na velhice, na concepção dos participantes da pesquisa. Apesar de os idosos serem os principais afetados por essa pandemia, eles não foram apontados como os causadores do surgimento do vírus. Com o evento pandêmico do HIV/AIDS, essa população de homens *gays*, que naquele período gozavam de uma juventude, passou a ser atingida pela disseminação do vírus e, por motivos, religiosos, sociais e culturais, receberam o estigma de causadores da existência da AIDS.

Conforme Brito e Rosa (2018), essa construção social da figura do homossexual sendo o responsável pela existência do vírus HIV, aconteceu por meio de vários setores da sociedade: programas de TV, rádio, jornais e revistas, através de discursos religiosos e médicos. Isso solidificou ainda mais o preconceito e trouxe uma série de violências a esse grupo. O mesmo não foi percebido por eles com relação a COVID-19, onde a categoria velhice estava dissociada de questões sexuais e trata-se de uma doença que, desde o início, não era específica a um único grupo.

Considerações finais

As pandemias são eventos recorrentes na humanidade e relatos expressam sua existência em tempos antigos (FERRAZ, 2020, p. 1). Dois eventos pandêmicos foram vividos pelos sujeitos dessa pesquisa: a disseminação do HIV e a do Sars-Cov-2. O que diferencia a experiência de cada um deles com relação a essas infecções é o fato de que as vivências desses períodos ocorreram em etapas do desenvolvimento humano diferentes. Em relação

ao período da AIDS, os informantes eram jovens, fazendo uma nova vivência de um problema sanitário mundial após 40 anos.

A percepção de ambos é que, aparentemente, não há nenhum tipo de semelhança entre os eventos. Contudo, as perdas de pessoas próximas são características que tangenciam esses acontecimentos, além das restrições que ocorreram para manutenção da vida e cuidado com o coletivo. Todavia, ao pensar a disseminação das informações para os cuidados necessários no combate a transmissão dos vírus, o evento que teve início nos anos de 1980, não obteve tamanha divulgação pelo mundo, até o momento em que se chega às localidades. O que para os participantes, se deu de forma diferente com relação ao Sars-Cov-2.

Os anos de maior disseminação do HIV trouxe um estigma para os homossexuais, ao ponto de serem considerados os produtores e replicadores do vírus. Nessa ótica, a pandemia iniciada nos anos de 1980 se deu com maior apontamento social e cultural para esse grupo, mesmo que já se soubesse a não “exclusividade” de infecção pelo vírus. Em contrapartida, o Sars-Cov-2 é visto socialmente como uma infecção coletiva, não escolhendo nenhum grupo específico, entretanto, tem como principal vítima, os idosos.

As experiências vividas e apontadas pelos participantes podem gerar ainda maiores discussões acerca do tema. O compartilhamento de experiência tão profundas e dotadas de significados para quem experimentou um período de luta, medos, angústias e esperanças, carrega todos esses sentimentos e emoções de uma época específica, que ao passar do tempo toma outros significados, para alguns de luta, de vitória e de olhar sobre si mesmo, apesar de outra pandemia ainda existir entre nós.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BRITO, Sávio Breno Pires *et al.* Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Revista Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia**, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020. Disponível em:
<https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate>. Acesso em: 29 ago. 2021.

BRASIL. **Estatuto do idoso**: lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; ROSA, Johnny de Moura. “OS LEPROSOS DOS ANOS 80”, “CÂNCER GAY”, “CASTIGO DE DEUS”: homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 751-778, jan-mar de 2018. Disponível em:
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3175/12514>. Acesso em: 29 ago. 2021.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: **Textos didáticos**: antropologia e velhice. Org. Guita Grin Debert. 2ª ed. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998. Disponível em:
<http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/td13-guita.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2021.

FERRAZ, Amélia Ricon. As grandes Pandemias da História. **Revista de Ciência Elementar**, Porto, v. 8, n. 2, p. 1-16, 2020. Disponível em:
<https://rce.casadasciencias.org/rceapp/pdf/2020/025/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

FERREIRA, Livia. Aos 115 anos, idosa que vivenciou duas pandemias é vacinada contra a Covid-19 no Piauí. **G1**, Piauí, 10 fev. 2021. Disponível em:
<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/02/10/aos-115-anos-idosa-que-vivenciou-duas-pandemias-e-vacinada-contr-a-covid-19-no-piaui.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2021.

LANA *et al.* Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. **Perspectivas**, São Paulo, v. 36, n. 3, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/sHYgrSsxqKTZNK6rJVpRxQL/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, Bauru, 2004. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. Disponível em:
https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 29 ago. 2021.

NUNES JR., Sebastião Silveira; CIOSAK, Suely Itsuko. Terapia antirretroviral para HIV/AIDS: o estado da arte. **Revista de Enfermagem**, Recife, v. 12, n. 4, p. 1103-1111, abr. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/231267/28690>. Acesso em: 31 ago. 2021.

Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. **UNA-SUS**, Brasil, 11 de mar. de 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 29 ago. 2021.

PINTO, A. C. S.; PINHEIRO, P. N. C.; VIEIRA, N. F. C.; ALVES, M. D. S. Compreensão da pandemia da AIDS nos últimos 25 anos. **Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis**, Niterói, v. 19, n. 1, p. 45-50, 2007. Disponível em: <http://www.dst.uff.br/revista19-1-2007/7.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2021.

REZENDE, Joffre Marcondes de. Epidemia, endemia, pandemia. Epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical**, Goiania, v. 27, n. 1, p. 153-155, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/iptsp/article/download/17199/10371/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SOUTO, Bernardino Geraldo Alves. As duas primeiras décadas da AIDS: cenário e interações com a epidemiologia. **Revista Médica de Minas Gerais**, v. 14, n. 4, p. 251-256, 2004. Disponível em: <http://rmmg.org/artigo/detalhes/1470>. Acesso em: 29 ago. 2021.

SOUZA, Tânia Regina Corrêa de. **Impacto Psicossocial da Aids: Enfrentando perdas...Ressignificando a vida**. São Paulo: Centro de Referência e Treinamento DST/Aids, 2008.

TAFURI, Bruna Kopytowski; SANTOS, Vitória Rosa dos; ZAGO, Maria Cristina (Org.). **Comportamento sexual e pandemia por COVID-19: impasses e possibilidades**. Guarujá: Editora Científica Digital, 2021. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/210203323.pdf>. Acesso em: 31 de ago. 2021.

TRANSFORMAÇÕES DO SOFRIMENTO PSÍQUICO. **Café Filosófico**, São Paulo: TV Cultura, 27 de julho de 2014. Programa de TV. Disponível em: https://tvcultura.com.br/playlists/156_cafe-filosofico-programas-2014_m2eNsp18rNA.html. Acesso em: 29 ago. 2021.

WHO (2002) Active Ageing – A Police Framework. **A Contribution of the World Health Organization to the second United Nations World Assembly on Aging**. Madrid, Spain, April, 2002.